

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Rose Mary Andrade Rodrigues

**O LIVRO DE ARTISTA: POSSIBILIDADE COMO MATERIAL DIDÁTICO  
PEDAGÓGICO PARA ENSINO DAS ARTES VISUAIS**

Contagem

2020

Rose Mary Andrade Rodrigues

**O LIVRO DE ARTISTA: POSSIBILIDADE COMO MATERIAL DIDÁTICO  
PEDAGÓGICO PARA ENSINO DAS ARTES VISUAIS**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Mônica Vaz da Costa

Contagem

2020

Rodrigues, Rose Mary Andrade

**O LIVRO DE ARTISTA: POSSIBILIDADE COMO MATERIAL  
DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA ENSINO DAS ARTES VISUAIS**

/ Rose Mary Andrade Rodrigues. – 2019.  
42 f., enc

Orientador(a): Mônica Vaz da Costa.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 41/42

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –  
Especialização. I. Título. II Costa, Mônica Vaz da. III. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: **ROSE MARY ANDRADE RODRIGUES**

**O LIVRO DE ARTISTA: POSSIBILIDADE COMO MATERIAL DIDÁTICO/PEDAGÓGICO PARA ENSINO DE ARTES VISUAIS.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Mônica Vaz da Costa – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientadora

Professor Natália Rezende Oliveira – UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020.

## Resumo

Esta monografia tem como objeto o livro de artista que, embora seja uma linguagem recorrente nas artes plásticas, nem sempre é utilizado como recurso metodológico no cenário educacional. Espera-se levar ao conhecimento, não só o livro de artista como material didático e também como iniciativa à produção artística, mas mostrar o seu protagonismo no processo de ensino aprendizagem. Esta pesquisa apresenta ao meio educativo o uso do livro de artista como material didático/pedagógico e como este pode ser usado multidisciplinarmente nas atividades práticas das aulas de Artes e associados a outras disciplinas do currículo escolar, permitindo que professores e alunos pensem novas maneiras de fazer e compreender Arte. A metodologia usada foi bibliográfica, interpretativa, descritiva e investigativa, usando, para tanto, fontes primárias e secundárias, tais como livros, artigo, tese, monografia e projetos de pesquisa dentro e fora do Brasil. Com esta monografia pretende-se comprovar que, para o livro de artista se efetivar na escola, o professor deve ser também um pesquisador-artista e usar de todo e qualquer recurso que facilite a compreensão e ensino de Artes Visuais.

Palavras-chave: Livro de artista, material didático-pedagógico, arte.

## **Abstract**

This monograph has the artist's book as an object of study, which despite being peculiar in the area of fine arts, is not always used as a methodological resource in the educational scenario. I expect to bring to knowledge, not only the artist's book as a didactic material and also as an initiative for the artistic production, but to show its role in the teaching-learning process. This study presents to the educational sphere the use of the artist's book as a didactic/pedagogical material and how it can be used in a multidisciplinary way in the practical activities of the Art classes, and associated with other disciplines of the school curriculum, allowing teachers and students to think of new ways to make Art. The methodology used was bibliographic, interpretative, descriptive, and investigative, using primary and secondary sources, such as books, articles, theses, monographs, and research projects from Brazil and abroad. With this monograph, I intended to prove that, for the artist's book to become effective at school, the teacher must also be a researcher-artist and use any and all resources that may aid the understanding and teaching of Visual Arts.

Key words: Artist's book, didactic/pedagogical material, art.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1. LIVRO (DE ARTISTA): UM POUCO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>10</b>
1.1. Introdução ao livro de artista .....	13
<b>2. O LIVRO DE ARTISTA APLICADO .....</b>	<b>23</b>
<b>3. O LIVRO DE ARTISTA COMO MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO .....</b>	<b>31</b>
3.1 Criando um material didático-pedagógico .....	32
<b>4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>39</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda o livro de artista, propondo seu uso como material didático-pedagógico no ensino das artes visuais. Há muito tempo os artistas têm buscado a utilização de suportes diferenciados do tradicional para a apresentação do livro de artista. Os formatos podem ser mantidos como o tradicional e mais conhecido originalmente, isto é, sequência de folhas de papel, impressas ou não, unidas em uma margem por cola, costura, grampos, arame etc., tornando-se um volume, protegidas por uma capa e leitura da esquerda para a direita, ou em outro, tais como, caixas, formas e letras modificadas, colagens e/ou projetos e instalações, que ultrapassam totalmente a ideia convencional de um livro. Como campo de atuação artística, ou seja, uma categoria artística, o livro de artista recebe diversos nomes, entre estes, livro-objeto, livro ilustrado, livro-poema, poema-livro, livro-arte, livro-obra, mas aqui o trataremos como livro de artista.

O livro de artista, caderno utilizado pelos artistas para desenvolver seus projetos e esboços, apresenta-se como recurso metodológico importante para o ensino das artes visuais (CÂDOR, 2012). E como se trata de uma obra que não tem especificamente um formato de livro, não é um livro com texto, ou pode conter texto, pode ser um caderno de anotações, um caderno de esboços, pode conter ou não ilustrações, ele não necessita de ser apenas lido para ser compreendido. Dessa forma, pensamos que o livro de artista pode e deve ser trabalhado em sala de aula com liberdade e muito mais criatividade por parte do alunado. Mas, para que o uso do livro de artista se efetive como material didático dentro do meio escolar, é necessário que o professor seja também um pesquisador e busque usar de todos os recursos disponíveis para facilitar a compreensão e ensino das artes visuais.

O professor como pesquisador, com o intuito de valorizar e experimentar novos suportes deve estar constantemente buscando formas de ensino que sejam práticas, acessíveis e criativas e que instiguem os alunos a buscar materiais diversos que possam ser usados como suporte, diferentemente do já conhecido livro tradicional. Ele deve, ainda, usar de metodologias que lhe sejam mais propícias para melhor levar o conhecimento de arte a seu alunado.

No capítulo 1 abordaremos um pouco da construção do livro desde os primórdios e os caminhos percorridos por ele até chegar ao formato mais tradicionalmente conhecido nos nossos dias, o códice. Conceituaremos o livro de



artista e apresentaremos as variações enquanto forma, tamanho, suporte, utilidade, autoria, temas, qualidade, material.

No capítulo 2 traremos o livro de artista aplicado nas escolas por professores e estudantes, através de projetos de pesquisa e programas educacionais, em museus e escolas de outros países. Descreveremos o que vem a ser material didático e como diferentes materiais e estratégias podem ser desenvolvidos para favorecer o melhor aprendizado na escola. O professor é a pessoa mais indicada para chegar à conclusão do melhor material didático e a metodologia correta, adequado ao perfil, ao contexto dos alunos e do lugar. Sendo um profissional envolvido com a arte, o professor saberá como pensar e propor experiências mais estimuladoras, quanto ao senso crítico e à criação plástico-artística dos alunos.

Pretendemos, na presente pesquisa, apresentar o livro de artista como material didático pedagógico protagonista no ensino-aprendizagem de Artes, sem abandonar os livros didáticos, hoje adotados, uma inquietação que afeta grande parte dos professores de arte, comprometidos com um ensino-aprendizagem de qualidade e também da aplicação dessa disciplina de forma compreensiva e amarrada às demais disciplinas do currículo.

## CAPÍTULO 1

### Livro (de artista): Um pouco de história

Iniciamos este capítulo trazendo uma breve definição e um pouco da história sobre o surgimento do livro. De acordo com o dicionário *on-line* de português, o livro é um “conjunto de folhas impressas e reunidas em volume encadernado ou brochado”<sup>1</sup>. Contudo, esse mesmo dicionário ainda o define como “obra em prosa ou verso, de qualquer extensão, disponibilizada em qualquer meio ou suporte: livro bem escrito; livro eletrônico”.

Em *A aventura do livro experimental* (2010), Ana Paula Mathias de Paiva extrapola a definição física do objeto e nos diz que o “livro é o registro, o que instrui porque significa. Aquilo que tem valor, sentido, expressão. Despertando, revelando, traduzindo, relacionando” (p.15). A autora ainda faz um relato sobre os primeiros registros iconográficos feitos nas cavernas, desde o paleolítico até o neolítico (p.135), pois, naquele momento, o homem já sentia necessidade de deixar gravadas suas vivências, seu cotidiano através de imagens, desenhos figurativos, pictogramas, grafismos. Ao longo da história tomamos conhecimento de que essas gravações eram feitas sobre pedra, rochas das cavernas, com materiais rústicos como a própria pedra e ossos e, como pigmento, eram usados sangue, urina, seiva vegetal. Mais tarde, foram encontrados registros de outros materiais que foram utilizados como suporte, entre eles: grandes blocos de pedra, megalitos, argila, peles de peixe, intestinos de serpente, corcova de camelo. Na mesma época, na Mesopotâmia, foram encontrados equivalentes ao que chamamos hoje de livros: tabuletas feitas de argila, numeradas e tituladas com identificação, gravadas com um pequeno instrumento chamado cunha.

No Egito, China, Índia, Grécia e Roma a madeira foi muito explorada como suporte por ser um material abundante e apresentar pouca dificuldade técnica no seu manuseio. A essas placas de madeira gravadas com material pontiagudo e depois cobertas por uma camada de cera dá-se o nome de *pugilares* (fig. 1). Há ainda, nessas regiões, registros de gravações feitas em ossos de animais e marfim onde eram guardadas inscrições valiosas e protegidas obras raras. Na Indonésia, grupos e tribos usavam os livros feitos a partir de casca de árvore no formato

---

<sup>1</sup> <https://www.dicio.com.br/livro/>

*acordeon* ou livros tubo. Também na China era usado o bambu com o objetivo de fabricar livros para registros e na Índia, a cortiça tinha também a mesma finalidade.

**Figura 01** – Mulher com tabuletas de cera e estilete (Saffo).



Fonte: Wikipédia<sup>2</sup>

No entanto, o livro mais antigo de todos, flexível, segundo Paiva, é um rolo de papiro, contendo textos da V Dinastia em Tebas, entre 2563-2424 a.C. Acredita-se que a palavra “papiro” deu origem ao vocábulo “papel” em diversas línguas. Por ser muito frágil e quebradiço quando dobrado, o papiro era colado em bastões que poderiam chegar a 20 folhas por rolo e enrolado, formando, assim, um *volumen*, que em latim significa rolo ou algo enrolado

**Figura 02** – Pergaminho feito de couro curtido de carneiro. Começou a ser usado como “papel” na cidade de Pérgamo, pelo rei Éumens II, 200 a.C.



Fonte: [Blog Na busca pela verdade](#)<sup>3</sup>

Até o séc. I d.C. o papiro ainda era o suporte mais usado para o livro. Naquele momento surgiram os primeiros pergaminhos, feitos a partir de peles de cabras e carneiros, e o velino, a partir de pele de novilhos (fig. 2). A vantagem da

<sup>2</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Herkulaneischer\\_Meister\\_002.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Herkulaneischer_Meister_002.jpg) . Acesso em 07/12/19.

<sup>3</sup> Disponível em <http://verdadedededeus.wordpress.com/tag/curso-de-biblia/> Acesso em 24/11/19.

utilização desses materiais como suporte é que eram dobráveis e reutilizáveis. O pergaminho permitiu a formatação do livro moderno, conforme nos diz Paiva:

Dobrável, o pergaminho pode formar folhas-cadernos, costurados juntos, com ou sem capa de proteção, caracterizando o códex, palavra latina que denota originalmente o tronco da árvore e o emprego da madeira como material de escrita, mas igualmente a denominação genérica de livro no sentido moderno. (Ibidem, p. 22).

Assim, surge o livro com o formato que conhecemos nos nossos dias. A leitura foi modificada, a partir do códex (ou códice) os olhos conseguem percorrer mais de uma página, a mão livre já não necessita segurar os dois bastões do rolo de papiro, facilitando o passar das páginas, o ir e vir da leitura sempre que precisar.

No século II d.C. os chineses inventam o papel, trazendo uma revolução para o livro. No entanto, somente depois de 600 anos de monopólio chinês, os árabes o apresentam ao mundo. Sua fabricação era a partir do linho e do cânhamo. No entanto, foi com a difusão do Cristianismo que o livro, na forma que hoje é conhecido, adquiriu organização e estrutura. A decoração dos livros medievais teve grande influência da arte bizantina, com a utilização de diversos motivos em espiral, decorações com ouro e ornamentação suntuosa, mosaicos e a decoração das capas com brilho, joias e pedrarias. As letras, além da função verbal, adornavam e encantavam (fig. 3 e 4).

Figura 3 – Letra "P" capítular iluminada na Bíblia de [Malmesbury](#),  
Figura 4 – [Miniatura](#) de [Cristo em Majestade](#) do [Bestiário de Aberdeen](#)



Fonte: Wikipédia.<sup>4</sup>

A partir de 1840, com a utilização da celulose pelo alemão Keller, a tecnologia da fabricação do papel adapta-se a diversas funções e possibilidades até

<sup>4</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminura>. Acesso em 07/12/19.

os nossos dias, quando podemos encontrar vários tipos, texturas e qualidades. Assim, percebemos que o livro acompanha as evoluções tecnológicas dos tempos sendo cada vez mais conhecido e de maior acesso a todos e “vão deixando de ser propriedade alienável das instituições religiosas, e com isso novas classes de livros surgem [...]” (Ibidem, p.39).

O século XIX trouxe grandes mudanças na apresentação do livro, dentre elas o formato de brochura e capas de papel com possibilidade de impressões coloridas, tornando-as mais atrativas ao leitor. De acordo com Paiva, naquele momento a função do livro também extrapola sua característica inicial que era religiosa.

Em soma, diminuição ou acréscimo dependendo do público: informar, entreter, documentar, registrar, reunir, mediar, autenticar, interpretar, possibilitar, demonstrar, ilustrar, repertoriar, oferecer, divertir, intrigar, sugerir, resgatar, viajar, (des) localizar, fazer refletir. (Ibidem. p.83).

A partir do desenvolvimento das técnicas de impressão no século XIX, a página passa a ser também um espaço de experimentação gráfica, aproximando, assim, pintura e desenho e permitindo a exploração do texto enquanto imagem.

### **1.1 Introdução ao livro de artista**

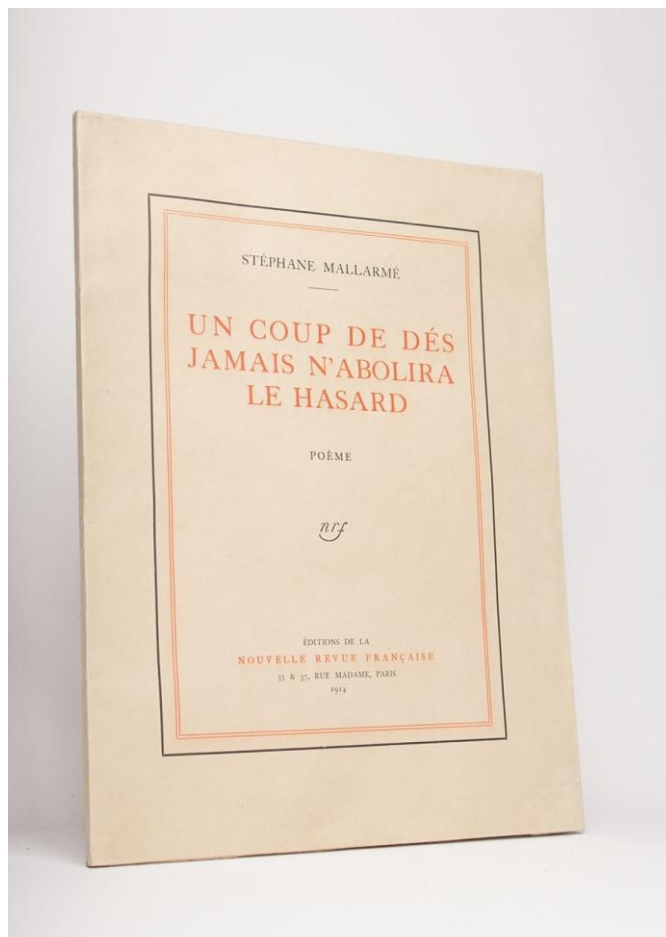
Dentre os diversos tipos de livros quanto a sua forma, tamanho, suporte, utilidade, autoria, assunto, qualidade, material, finalidade destacamos o tema deste estudo em sua definição, o livro *de artista*.

Paulo Silveira, em *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* (2008), propõe fecharmos os olhos e imaginarmos um livro como normalmente o imaginamos, contendo capa, páginas com texto e lombada, porém que “a primeira página fosse a última, com ele começando pelo fim... Uma página, digamos, -320? E depois uma -319, -318 e assim por diante?” (p. 13). Segundo ele, isso seria uma violação da ordem e um livro com o menor grau de violação já causa estranhamento. O livro de artista contemporâneo tem essa premissa, causar estranhamento. Silveira esclarece que o livro de artista é entendido como campo de atuação artística (uma categoria) e, simultaneamente, como o produto desse campo,

um resultado específico das artes visuais. Esses objetos artísticos recebem diferentes nomes, entre eles livro de artista, livro-objeto, livro ilustrado, livro-poema, poema-livro, livro-arte, livro-obra, e são criados a partir de experiências conceituais dos anos 1960.

Julio Plaza considera o livro como poema, e mostra que a categoria livro-arte teria iniciado com *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*, de Stéphane Mallarmé (fig. 5), publicado pela primeira vez em 1897, e que *A ave* (elaborado em 1948 e lançado em 1956), de Wladimir Dias Pino (fig. 6), foi um dos primeiros livros poemas.

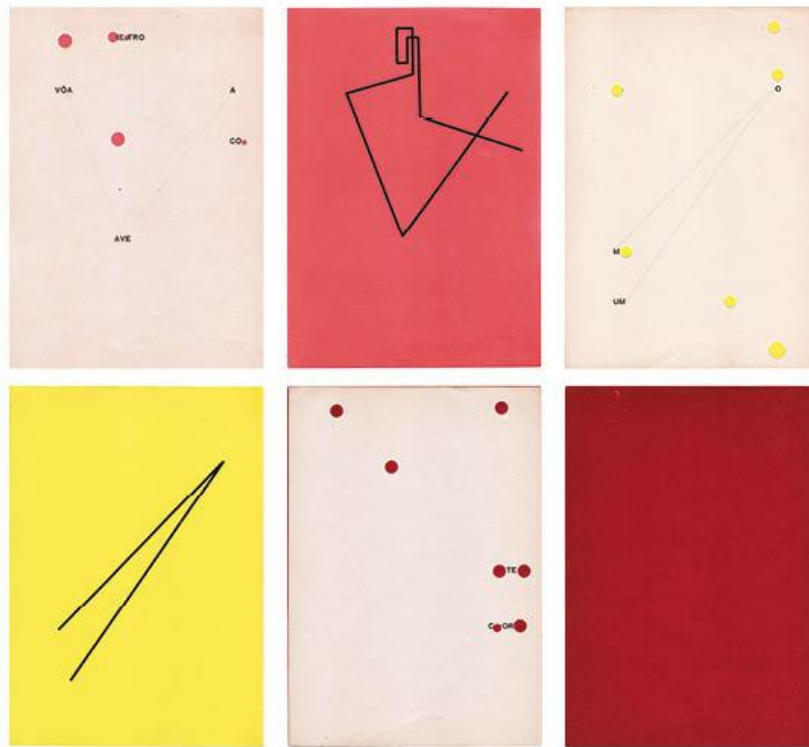
**Figura 5** – *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*, de Stephanie Mallarmé.



Fonte: Site Edition Originale<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.edition-originale.com/fr/litterature/editions-originales/mallarme-un-coup-de-des-jamais-nabolira-le-1914-56733> Acesso em 11/02/2020

**Figura 6 – A Ave, de Wladimir Dias-Pino: capa, folha de rosto e páginas.**

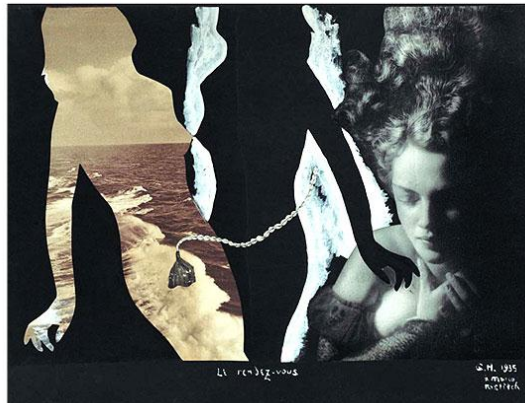


Fonte: Galeria Superfície<sup>6</sup>

A francesa Anne Moeglin-Delcroix é um dos nomes de maior destaque nesse campo de estudo na Europa continental. Em *Esthétique du livre d'artist:1960/1980*, a autora considera que o nascimento do livro de artista deu-se nos anos 60 em fenômeno conjunto aos movimentos de vanguarda através dos europeus e norte-americanos simultaneamente. Moeglin-Delcroix defende duas correntes heterogêneas de livros objetos. Uma que se refere aos poemas objetos dos surrealistas e às encadernações de Georges Hugnet (fig. 7) e a segunda corrente à das colagens da *pop art*, nas acumulações do novo realismo e nas reutilizações da *art povera*, que seria um objeto em forma de livro, ausente da origem literária.

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.galeriasuperficie.com.br/artistas/wladimir-dias-pino/> Acesso em 11/02/2020

**Figura 07** – *Le rendez – vous*. [Georges Hugnet](#), 1935.



Fonte: Pinterest<sup>7</sup>

**Figura 08** – *Caixa Verde*. Marcel Duchamp, 1934. Considerado um dos primeiros livros de artista.



Fonte: Research Gate<sup>8</sup>

Vamos a mais uma divergência quanto ao livro de artista, sua origem. Segundo Silveira (2008, p. 30) é um fato que a *Caixa verde*, de Marcel Duchamp (1934) é um livro de artista, ou melhor, um livro-objeto (fig. 8) Os livros de William Blake (1788-1821) e qualquer dos cadernos de Leonardo da Vinci (séc.15/16) também o são. Mas, somente no final do sec. XX, acontece a legitimação desse tipo de obra de arte.

Em *O livro como forma de arte (I)* (1982), Júlio Plaza descreve e nomeia alguns tipos de livros de artista, elucidando com clareza as possibilidades dessa expressão artística. Quanto à criação do livro como forma de arte, o autor afirma que existe uma distância crítica em relação ao livro tradicional. Em contestação a este, o

<sup>7</sup> Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/351491945901015096/?lp=true>. Acesso em: 08/12/2019.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-28-Caixa-Verde-1934-de-Marcel-Duchamp-Considerado-um-dos-primeiros-livros\\_fig18\\_304541621](https://www.researchgate.net/figure/Figura-28-Caixa-Verde-1934-de-Marcel-Duchamp-Considerado-um-dos-primeiros-livros_fig18_304541621). Acesso em: 08/12/2019.



artista-autor cria novas configurações e novas maneiras de ler. Artista aqui é aquele que cria obras de arte e autor é o que escreve livros. Para ele, “livro é montagem de símbolos, de espaços, onde convém diferenciar os diferentes tipos de montagens já que este procedimento é o processo fundamental da organização dos signos icônicos” (1982, np). E ainda:

[...] são objetos de linguagem, também são matrizes de sensibilidade. O fazer-construir-processar-transformar e criar livros implica em determinar relações com outros códigos e, sobretudo apelar para uma leitura cenestésica com o leitor: dessa forma, livros não são mais lidos, mas cheirados, tocados, vistos, jogados e também destruídos. O peso, o tamanho, seu desdobramento espacial-escultural são levados em conta: o livro dialoga com outros códigos. (1982, np).

Para Paiva, o livro de artista é definido como uma categoria que inclui o livro-objeto e o *livre-jeu* (jogo de livro). Ele é construído a partir do livro protótipo, um modelo de suporte já conhecido, que por vezes é contrariado, ora elogiado, em outros momentos se manifesta violentamente, até “alcançar o estatuto da escultura, forma objeto, lúdica ou sensorial, revendo a condição formal, estrutural, clichê e linear do livro” (op. cit. p.85-86). O livro de artista pode ter tiragem única ou seriada. É uma obra artesanal, que quando possui alguma tecnologia geralmente é de forma inventiva, traz o talento, sensibilidade e inteligência do artista com dobraduras, recortes, montagens, costuras, escultura, desenhos, pinturas, engenharia, fotografia, resgatando de toda forma os elementos compositivos básicos (formas, linhas, cores, volumes).

O resultado é um “livro tátil, sensorial, performático, charmoso, original, de personalidade, com funções práticas e mágicas”. Livro de vanguarda atento a inovações formais e conceituais, aberto a experimentação dos meios de comunicar e interagir com o leitor. Idealizado de modo plástico, representativo, motivado, como parte de uma encenação e perspectiva de leitura. (Ibidem, p. 86).

Johanna Drucker afirma em *The century of artists' books (O século dos livros de artistas)* (1995) que “não existem limites ao que os livros de artista podem ser e nem regras para a sua construção” (p.39). No entanto, a autora coloca-se em oposição a Castleman ao não considerar os livros escultóricos em seus escritos. Para ela, “ir além de seus limites diluiria o enfoque dos livros analisados” e que esses trabalhos “pertencem mais ao mundo das esculturas e da instalação que ao mundo dos livros”.

O livro de artista ao ser manipulado, folheado, retira, segundo Panek (2005 apud BRITTO, 2009a, p.11), “a arte do âmbito da preciosidade, da aura, da contemplação e da fruição por restrito e privilegiado público e da exposição em vitrine”. É a quebra da aura mencionada por Walter Benjamin em “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” (1955). O significado é alcançado quando manuseado por terceiros e não somente por meio da contemplação.

Clive Phillpot (1982 apud SILVEIRA, 2008, p.47) traz em suas palavras que um livro é “uma coleção de folhas em branco e/ou que postam imagens, usualmente fixadas juntas por uma das bordas e refiladas nas outras para formar uma única sucessão de folhas uniformes”, o livro de artista, no entanto é um livro “em que o artista é o autor”. Ele não se enquadra nessa categoria, ele pode conter ilustrações ou não, ter as folhas soltas, coladas de maneira aleatória, dobradas como sanfona, guardadas em caixas, que mesmo assim continua sendo livro.

Amir Brito Cadôr (2010, p.660), relata que Plaza (1982) descreve o livro de artista diferente do livro comum, pois que esse pode ser substituído pelo filme, fita e por outros meios e formas de catalogação tipográfica, o livro de artista não, ele possui a “interpenetração da informação estética e do veículo, não havendo separação possível sem prejuízo do conjunto”.

Vimos até aqui o que, mesmo com controvérsias, conceitua o livro de artista: uma obra de arte que toma como referência o livro tradicional, no formato códice, rolo ou sanfona, podendo conter texto ou não, ser ilustrado, conter fotografias, recortes, desenhos, pinturas, ter suas folhas soltas ou unidas. Quanto ao material, podem ser utilizados papel, madeira, ferro, bronze ou carne, conforme o conceito desejado pelo artista. Mesmo que não tenha o formato do códice é considerado livro, contanto que se possa ser feita uma leitura quanto à forma, a mensagem, a estrutura.

**Figura 9** – *Livro de Carne*, Artur Barrio, 1979.



Fonte: Arthur Barrio Blogspot<sup>9</sup>

A relação entre matéria e conceito é abordada por Britto (2009, p.136/137) a partir dos livros de artista de Artur Barrio (1977), Paulo Bruscky (1990) e Daniel Santiago (1990/96). Neles suas inquietações junto à política daquele momento, trouxeram à tona a violência, a pressão política, a fome e a pobreza, indo de confronto às estruturas de poder. O livro de carne, o livro-pão, embora feitos com materiais perecíveis, trazem uma leitura diferente, uma vez que Barrio propõe uma experiência multissensorial, ativando a visão, o tato e o olfato do participante/manipulador (fig. 9).

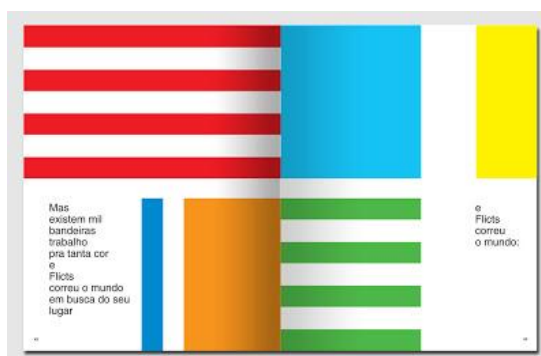
Silveira relata os exageros de alguns livros objetos na década de 80:

Existem as séries de livros baleados, serrados queimados, aparafusado, rasgados. Existem coleções de volumes afogados, empastados de tinta, de cera, de óleo. Existem grupos com páginas furadas, coladas, costuradas, revestidas. (...) Houve mesmo uma experimentação apressada, enfadonha em muitos casos, que privilegiava uma criatividade escrava do material e da técnica. O seu maior problema era poder causar um engessamento na comunicação com o público, partindo-se do princípio que o artista queria comunicar. (2008, p.226).

Assim, o livro de artista, e mais especificamente o livro objeto, não é um livro para ser lido como os outros livros, ele precisa ser tocado, analisado, manipulado, cheirado, sentido, para, dessa forma, alcançarmos seu significado. Por essa razão, muitas são as estratégias visuais utilizadas pelos artistas.

<sup>9</sup> Disponível em <http://arturbarrío-trabalhos.blogspot.com/2011/04/livro-de-carne-1978-1979.html> Acessado em 11/02/2020

**Figura 10 – *Flicts*. Ziraldo, 1969.**



Fonte: Luis Sagar Design blogspot<sup>10</sup>

Como exemplo do estudo da cor temos *Flicts* (1969), o livro de artista feito por Ziraldo (fig. 10), que inovou a literatura infantil brasileira ao propor uma nova relação entre texto e imagem. Outro exemplo são os *Gibis*, de Raymundo Collares (fig. 11), que apostam no livro como objeto lúdico que deve ser manuseado, sentido, tocado, feito de papéis recortados em tamanhos, cores e formatos diferentes.

**Figura 11 – *Gibi*, Raymundo Collares.**



Fonte: Gramatologia blogspot<sup>11</sup>

Dentro desse aspecto veremos que o livro de artista explora materiais muito pouco convencionais, pintura, símbolos, formas não figurativas, texturas diversas, rugosidades, polimentos, cores, colagens, cortes, alinhamentos, alinhavos, esculturas sugerindo novas experiências estéticas. Encontramos, portanto, repertório suficiente para o ensino de artes visuais a partir desses objetos. De acordo com Sarah Bodman:

<sup>10</sup> Disponível em <http://saguardesign.blogspot.com/2009/08/flicts-40.html>. Acesso em 24/11/19

<sup>11</sup> Disponível em <http://gramatologia.blogspot.com/2007/11/raymundo-colares.html>. Acesso em 24/11/19

Sendo uma temática em crescente desenvolvimento e rica no que concerne à criatividade, o Livro de Artista é hoje alvo de programas curriculares em várias escolas de artes em todo o mundo. Mesmo neste ponto de evolução, o Livro de Artista é uma forma evolucionária de manifestação artística, transversal a todo o espectro da criação, que possibilita a diversidade, a publicação tecnológica, a captação de imagens e o seu processamento, o uso de equipamento eletrônico, assim como a publicação na internet. (BODMAN, 2005, apud ALMEIDA, 2012, p.143).

Inês Leonor Costa Almeida (2012) cita a Brooklyn Artists Alliance, organização sem fins lucrativos sediada em Nova Iorque, que desenvolveu um manual, acessível a qualquer professor, o *Reading a book educates, making a book is an education*, onde relaciona os benefícios de se trabalhar o livro de artista como ferramenta pedagógica. Entre elas, Almeida cita o desenvolvimento das capacidades linguísticas e visuais com a contação de histórias, a capacidade para resolução de problemas, pensamento original e a coordenação motora, capacidade de ler, escrever, compreender e interpretar, desenvolver a criatividade, a expressão e a autoestima. Além disso, fazer livros encoraja o desenvolvimento da voz e como usá-la. Segundo a autora, esse programa pedagógico proporciona a todo aluno habilidades e técnicas para expressarem as suas ideias através dos seus próprios meios, enquanto dentro de um espaço para a troca de informação e de experiências.

Em contrapartida, de acordo com a autora, a comunidade também se dispõe a “ensinar professores, impulsionando opções criativas para as suas aulas, promovendo a literacia e integrando as artes no currículo” (ALMEIDA, 2012, p.47). Outro programa pedagógico em Nova Iorque, citado por ela é o *ABC, arts, books and creativity*, que propõe um currículo que ajuda os estudantes a realizarem conexões entre as artes visuais e a escrita. Este programa é parecido com o anterior, visando desenvolvimento do conhecimento dos estudantes em artes visuais, conceitos e vocabulários, promovendo competências, e o aumento das habilidades de expressão escrita e do pensamento crítico.

No contexto português, Almeida seleciona dois projetos que tratam do livro de artista nas artes visuais: na biblioteca da Fundação Serralves, *Livros à Solta*, e, na Fundação Gulbenkian, *O Pequeno Grande C*. O primeiro desenvolve atividades em torno da forma, do conteúdo, dos materiais e das técnicas do livro, integrando aprendizagens que vão desde a escrita à materialização do livro. Esse projeto é direcionado aos alunos do ensino básico ao secundário. Já o segundo é dirigido às escolas de 1º e 2º ciclos do ensino básico e propõe um livro de autor, cujo objetivo é

premiar “a singularidade e a originalidade na criação coletiva pelos jovens autores” e “visa a educação e a sensibilização do público mais jovem para a criatividade, estimulando a fantasia através de diferentes práticas artísticas” (ALMEIDA, 2012, p.50).

No artigo intitulado “O livro de artista como ferramenta pedagógica” (2012), Almeida coloca que o livro de artista é “uma temática em crescente desenvolvimento, rica no que concerne à criatividade e à autorreflexão plástica” e afirma que

A sua natureza evolucionária, transversal a toda criação artística, fomenta a diversidade (e afirmação ampla) do conceito e constitui não só uma introdução pertinaz às problemáticas dicotómicas que relacionam o autor e a sua obra, mas também permite, e encoraja, um largo espectro de aplicações artísticas que se estabelece entre o mais arcaico dos moldes analógicos à mais imprevisível das possibilidades tecnológicas digitais. (Ibidem, p.143-144).

Diante da diversidade e das várias possibilidades de trabalhar o livro de artista como ferramenta pedagógica nos vários níveis escolares, esta monografia busca aprofundar o seu uso nas escolas, através de programas e projetos encontrados em pesquisa bibliográfica.

## **CAPÍTULO 2**

### **O livro de artista aplicado**

Geraldo Freire Loyola (2017, p.101) relata que material didático são “todos os objetos elaborados com a intenção de proporcionar aprendizagens” e que é um elemento indispensável em Arte. Como o ensino-aprendizagem não é uma receita de bolo e não funciona seguindo o passo-a-passo, em Arte “é fundamental o respeito aos diferentes contextos culturais, à diversidade de formas de como cada pessoa percebe o mundo e se expressa no mundo e com o mundo” e que pode ser desenvolvido das mais diversas formas, tais como livros, jogos, materiais impressos, *softwares*, podendo ainda ser de formas digitais ou não. Olhando por esse viés, o material didático em Artes, não precisa necessariamente ser um livro com informações e imagens sobre arte, pode ser adaptado pelo professor de acordo com o perfil da turma.

Na escola, as ações de ensino/aprendizagem em Arte precisam trabalhar com o pensamento artístico, levando em consideração que a Arte está em constante mutação e que a elaboração e a fruição artísticas dependem da articulação entre a percepção, a emoção, a sensibilidade, a investigação, a reflexão e a imaginação. (PIMENTEL, 2016, p16).

Almeida (2012, p.1) relata que o livro de artista como ferramenta pedagógica e artística pode favorecer os alunos de diversas formas, entre os quais está o gosto pela leitura e pela investigação, além de proporcionar a esse estudante uma forma de expressar sua identidade. Ainda em “O livro de artista como ferramenta pedagógica”, a autora nos diz:

Os livros de artista desenvolvem capacidades linguísticas e visuais quando contamos histórias, aptidões de resolução de problemas, pensamento original e a coordenação motora, particularmente com a prática de fazer livros, que promove a literacia, a criatividade, a autoexpressão e a autoestima. (ALMEIDA 2012, p.144).

Foram citados anteriormente os programas do Brooklyn Artists Alliance e do National Museum of Women in the Arts destinados a alunos e professores que tenham interesse de explorar o livro de artista como meio pedagógico. Almeida (2012, p.145), esclarece as vantagens que o livro de artista traz para as outras disciplinas do currículo escolar, como a alfabetização com “a leitura e criação de textos, a construção de vocabulário, estruturação de ideias e a comunicação significativa”. Na matemática, a aplicação dos conceitos espaciais com o uso do livro

de artista no ensino da geometria e nas ciências como desenho de observação e mapeamento. Ainda nas competências para a vida, o livro de artista colabora na resolução de problemas de autogestão e de cooperação com outros.

Livro de Artista na sala de aula fomenta a interpretação de obras de arte já existentes, desenvolvendo o pensamento crítico e modos próprios de expressão, conquanto permite explorar materiais e técnicas diferenciadas. Esta ferramenta aproxima os alunos do universo livresco, cada vez mais importante num mundo contemporâneo em que o papel do livro sofre uma mutação imprevisível. (Ibidem, p.147).

A autora conclui que o livro de artista pode interligar as várias disciplinas, oportunizando a interdisciplinaridade, inspirando os professores de outras áreas do currículo escolar e fortalecendo a curiosidade e interesse nos alunos.

Na dissertação *Cadernos de artistas: páginas que revelam olhares da arte e da educação*, Clarissa Lopes Suzuki,(2014, introdução) relata como desde o início de sua prática pedagógica o uso do livro de artista foi importante em sua formação e valorização da práxis do sujeitos da arte e da educação, trazendo um novo significado para instrumentos desvalorizados no espaço escolar e na construção do conhecimento. Na pesquisa, a autora coloca o objeto metodológico como “Caderno”, pois o considera apenas como parte do processo criador e não como o produto dessa obra. Para Suzuki (p.24), o caderno é o lugar onde o indivíduo se expressa e se coloca intimamente, exercendo sua autonomia, algo de sua autoria. A autora (Caderno I, p.26) se incomoda com o fato de o currículo escolar ser decidido por instâncias superiores que não conhecem a realidade dos alunos e desrespeitam as *leituras do mundo*, citado por Paulo Freire. Ela acredita que esse currículo deve partir de situações significativas da vida desses sujeitos e da problematização das situações.

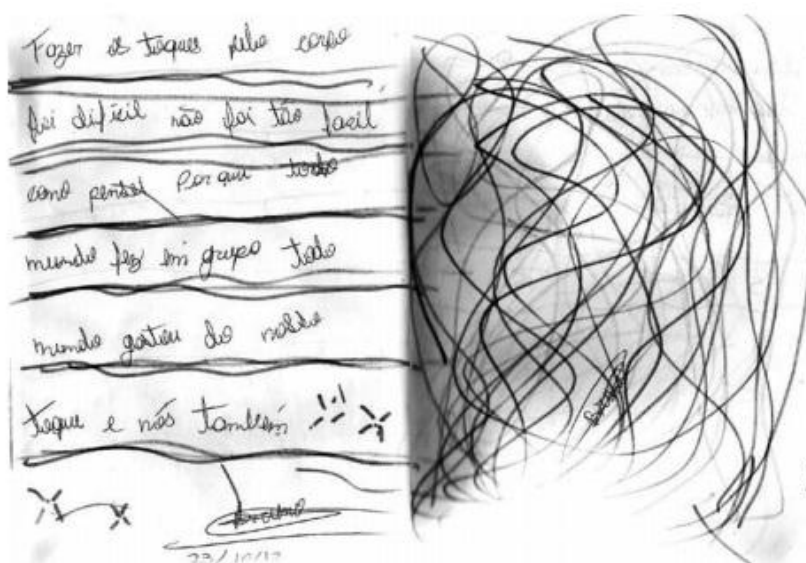
Diante de tantos questionamentos e considerando o caderno como guardador de tudo que o sujeito acha que deve guardar, de tudo que lhe é precioso, Suzuki descreve sua experiência com alunos usando os cadernos de artista como ferramenta nas aulas de artes:

Com a intenção de contribuir com o desenvolvimento do olhar estético e crítico dos alunos, possibilitando o contato com a arte pela leitura ou pelo fazer, compondo no caderno um registro de forma pessoal e problematizadora em diálogo com o meio em que estão inseridos. O estímulo à autoria por meio da criação é outra condição da inserção dessa ferramenta no cotidiano escolar. (Ibidem, caderno III, p. 18).



A construção, ou seja, a confecção do próprio caderno é uma forma de apropriação deste, de pertencimento, de ativação do processo criador. Notou-se nesta pesquisa, que o caderno de artista (que colocamos aqui como livro de artista, apesar de Suzuki não considerá-lo como tal) expande o olhar, cria espaço de construção de conhecimento individual, permitindo que cada um atribua um sentido ao seu uso e trace uma trajetória própria de acordo com o desejo de cada um. Como procedimento metodológico, Suzuki (p.66), assevera que o caderno garante um espaço de experimentação e registro levando a construção do conhecimento através da arte e o planejamento da aula que estando gravados, permitiram acesso para futuras pesquisas.

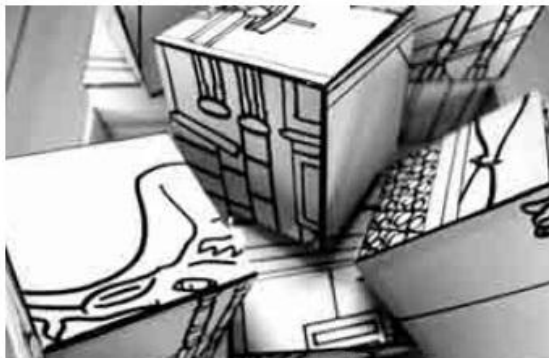
**Figura 12** – Páginas do caderno de Bruno



Fonte: Dissertação *Cadernos de artistas: páginas que revelam olhares da arte e da educação* (2014)<sup>12</sup>

<sup>12</sup>Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/pt-br.php> Acesso em 19/12/2019

**Figura 13** – Livro de artista de aluno - “Jogar e construir”



Fonte: Artigo “O livro de artista enquanto ferramenta pedagógica”<sup>13</sup>

Em um projeto desenvolvido com alunos do 12º ano da Escola de Portela, Lisboa, Almeida (2012), descreve suas experiências com um alunado de aptidões criativas muito baixa e imaginário bastante reduzido. Inicialmente foram desenvolvidos trabalhos com desenhos livres, desenhos animados, revelando insuficiência imaginativa e infantil. Após a apresentação do livro de artista grande parte dos estudantes revelou a potência desse conteúdo, comprovando a melhoria dos temas apresentados pelos alunos com relação a outras atividades artísticas desenvolvidas, orientados de diversas formas pelos professores atuantes no projeto. Os alunos adquiriram novos conceitos de arte, conheceram outros espaços que não o espaço escolar, apreciaram obras de arte e levaram para os seus livros de artista as ideias apreendidas. Com isso, concluiu-se que os professores devem incentivar, introduzir ideias e imagens para ajudar esses alunos a ampliarem seus conhecimentos e serem capazes de selecionar, catalogar, sintetizar todo o conhecimento, levando-os a pensar criticamente ao respeito do mundo que os rodeia. Infelizmente, em se tratando de arte na escola, vários fatores deixam a desejar, tais como, espaço físico, tempo e material de apoio. Contudo, o professor deve se esforçar para promover condições que estimulem os alunos das mais diversas formas, articulando com diferentes meios pedagógicos e uma boa preparação.

Em *O livro de artista; um caminho para a criatividade* (2015), Luís Felipe Jacinto Valente descreve o desenvolvimento de uma experiência letiva da disciplina

---

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S164761582012000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164761582012000200021&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 01 abr. 2019.

de Expressão Plástica, em uma turma de Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância, em Pinhal Novo, Portugal. Levando em conta que esses profissionais deverão trabalhar futuramente o desenvolvimento cognitivo e intelectual de crianças, pensou-se que a criatividade, o conhecimento de materiais unido a diversas técnicas, seriam a melhor ferramenta a se desenvolver. Porém, a turma foi avaliada com baixa capacidade criativa e imaginativa, conhecimento técnico escasso e baixa motivação. Diante disso, o livro de artista foi eleito o suporte ideal para o desenvolvimento integrado da criatividade, técnica e materiais de expressão plástica. Aliado a isso, buscou-se perceber de que forma o livro de artista pode ser uma estratégia pedagógica que fomenta as diversas aprendizagens. Outra estratégia foi a reciclagem, o uso de materiais não convencionais como forma de expressão criativa proporcionando aos alunos liberdade de escolha de materiais convencionais ou não na produção do seu livro de artista. Foram trabalhados dois módulos, escolhidos entre os 12 que compõem a disciplina, sendo o primeiro relacionado à reciclagem, em que o aluno iria “construir e montar vários tipos de embalagens em diversos tipos de materiais, solucionar problemas que possam surgir no processo construtivo” (p. 56/57). O segundo módulo espera-se que “os alunos desenvolvam um projeto individual ou de grupo, aplicando os conhecimentos adquiridos noutros módulos desta disciplina” (p.56/57). Concluiu-se que o livro de artista é uma ótima forma de promover a criatividade, com possibilidades técnicas, estéticas e temáticas. Além disso, há uma grande proximidade deste com o livro pré-primário, assumindo estratégia pedagógica e potencializando outras aprendizagens. Outro resultado interessante foi que esses alunos usaram o livro de artista como ferramenta pedagógica em seus estágios.

Cindy Triana Guzman, em sua dissertação *Aprendendo através de imagens: o livro-objeto* (2015. p.6), relata uma experiência com alunos da quarta série, com idades entre 9/10 anos, de uma escola estadual, onde o livro-objeto é usado como meio de comunicação e ensino e como produtor de metodologias na análise e a interpretação de imagens nos processos pedagógicos desenvolvidos na escola.

Produzir educação por meio da arte não significa que se deixe de lado a pedagogia, mas sim, que se promova a união entre ambas para, desse modo, gerar processos formativos que fortaleçam a autonomia, a sensibilidade e a curiosidade dos meninos e meninas que estamos formando. (Ibidem, p.11).

**Figura 14/15** – Livro de artista aplicado



Fonte: Dissertação “*Aprendendo através de imagens: o livro-objeto*” (2015)<sup>14</sup>.

No início da experimentação, Guzman abordou alguns componentes pedagógicos exigidos pela escola e fez uma análise ao final de cada unidade estudada, trabalhando a leitura de imagem. Mais adiante, usou a dobradura de formas diversas, particulares, das páginas de livros e no final contaram suas histórias a partir do que foi feito, desenvolvendo, assim, a palavra falada. Em seguida, algumas intervenções foram feitas com materiais como linha, tecidos, papéis coloridos, para que sua história se completasse no seu livro-objeto.

Dessa forma, os alunos que participaram desse processo de ensino/aprendizagem encontraram novas maneiras de se expressar, experimentaram materiais diversos, aprenderam a ampliar seu universo de ação e sua autonomia para criar e protagonizar sua história. A partir dessa experimentação com os alunos a educadora concluiu que:

Com essa pesquisa abre-se uma possibilidade do professor de arte ou de outras áreas refletir sobre o uso do livro-objeto, não só como matéria, mas sim como prática para promover a formação do estudante, dando elementos para que seja capaz de lidar com a vida diária, e, a partir dela, gerar revoluções íntimas transformando assim sua realidade individual. (Ibidem, p.88).

Em seu TCC, *Livro e imagem: Uma Abordagem do livro como objeto de Arte no Ensino Fundamental* (2015), Mayara Suelem de Araujo Silva busca um processo

<sup>14</sup>Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-01122015-101037/pt-br.php> Acesso em: 22-11-2019.

de abordagem da imagem na escola, utilizando o livro como suporte criativo e meio diversificado de uso da imagem. A proposta é uma experiência didática com crianças do 1º ano do ensino fundamental de uma escola privada onde, aliado à pesquisa, foi produzido um livro artístico/artesanal. Inicialmente foi desenvolvida com as crianças uma apreciação dos livros na biblioteca, em que foram analisados todos os aspectos que constituem esse objeto. Foram apresentados livros que contavam histórias apenas com imagens. Em seguida foi proposta a construção coletiva de um livro de imagens, onde as páginas seriam ilustradas com autorretratos das crianças e seria cortado ao meio na horizontal, de forma que pudesse ser folheada em sequências diferente, sendo que por ora metade do rosto de uma criança se unisse a outra metade do de outra criança, variando as imagens.

**Figura 16/17** – Livro de artista aplicado

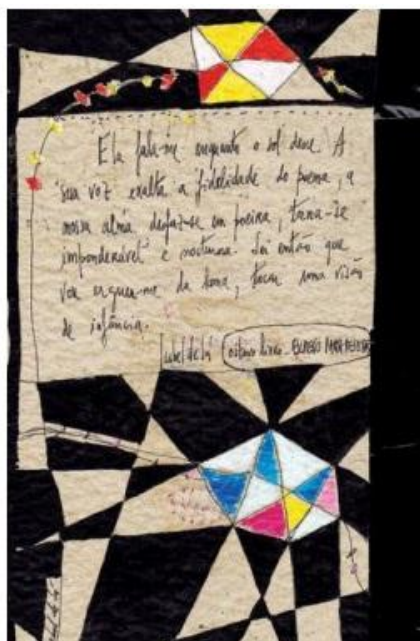


Fonte: TCC “*Livro e imagem: Uma Abordagem do livro como objeto de Arte no Ensino Fundamental*” (2015)<sup>15</sup>

Essa proposta de construção de um livro com as crianças reconstruiu junto a elas a ideia de livro. Ainda, foram trabalhados o livro como um jogo com o passar das páginas desencontradas e reflexões sobre a própria imagem. Silva certifica que na perspectiva arte-educadora surgem novas descobertas ao retornar o interesse da própria infância e ao trazê-lo sob um novo olhar para a sala de aula. Concluiu-se que o livro de artista “é um objeto ricamente aberto à criatividade” (Ibidem p.44).

<sup>15</sup> Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1676/1/Mayara.pdf> Acesso em 19/12/2019

**Figura 18** – Livro de artista aplicado



Fonte: Revista Nova Escola<sup>16</sup>

Em “*Arte contemporânea encarada de frente*” publicada na revista *Nova Escola*, Fernanda Salla (edição 272, p.46-49) relata a experiência de uma professora que usou a poesia como linguagem, para a produção dos livros de artista desenvolvidos com seus alunos do 9º ano. Foi um projeto interdisciplinar com Língua Portuguesa, em que a poesia foi o recurso usado nas duas disciplinas. Enquanto estudavam a poesia, a professora de artes juntamente com os alunos “traçavam o próprio percurso artístico, incorporando o poema às obras” (p.47).

Avaliando essas propostas e experimentações realizadas nas escolas, nota-se que o livro de artista é considerado um recurso de grande valia para a área da arte e também auxilia na compreensão dos conteúdos de outras disciplinas.

Partindo das propostas apresentadas essa monografia irá avaliar como o professor pode aplicar o recurso do livro de artista em sala de aula beneficiando o aluno nos diversos âmbitos escolares tais como, criatividade, interação sociocultural, aptidões, coordenação motora, autoestima, (re)visitação da memória, relacionamentos sócio afetivos, dentre outros benefícios.

<sup>16</sup> Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/8315/livro-de-artista-arte-contemporanea-encarada-de-frente>  
Acesso em: 22-11-2019

### CAPÍTULO 3

#### O livro de artista como material didático-pedagógico

O material didático-pedagógico para o ensino-aprendizagem em arte tem que ser repensado mediante o fato de que a disciplina requer outras formas de se ensinar.

Em sua tese *PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*, Geraldo Loyola (2016) coloca uma incomodação que afeta, se não a todos, a uma grande parte dos professores de Artes, comprometidos com o ensino/aprendizagem: os livros didáticos. Apesar de serem muito importantes para estudo e pesquisas sobre história, teoria, crítica e filosofia da arte, os livros didáticos não são criados e editados como proposta pedagógica e poucos são os que se propõem a fazer uma conexão entre ser artista e ser professor. Diferente de outras áreas do conhecimento, os processos de criação e de ensino-aprendizagem em Arte requerem outros recursos que não apenas o livro didático.

Em Arte, além da informação pertinente ao seu conhecimento, é fundamental respeitar o jeito próprio de expressão de cada aluno, uma vez que os processos de criação são únicos e próprios de quem cria. (Ibidem, p.9).

Conforme relata Lúcia Pimentel em *Metodologias de ensino das Artes Visuais*, “conhecer métodos e criar metodologias é o grande desafio d@ professor@ de Arte” (2009, p.25). Completa dizendo que o ensino de arte não sendo linear é de se observar que ao ensinar e aprender arte, a continuidade e ruptura são acontecimentos que garantem “uma prática artístico/pedagógica consistente, responsável e respeitável” (p.25) Sendo assim,

@ professor@ de Arte, em qualquer nível de ensino, deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana. (Ibidem, p.25).

Sobre métodos, a autora descreve que, diferente das ciências exatas, nas ciências humanas nem todas as etapas são necessárias ou compatíveis com o objetivo e que as ações não precisam ser tão rígidas. Além disso, um método apenas não garante o sucesso do ensino. Dessa maneira, faz-se necessário que “@ professor@ tenha conhecimento de vários métodos e saiba criar sua metodologia, de acordo com os objetivos pretendidos em seu ensino” (Ibidem, p.29).

Anna Mae Barbosa (1998) inicia o livro *Tópicos utópicos* dizendo que “a Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local” (p.13). Barbosa descreve sobre a multiculturalidade e pluriculturalidade, que “significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade” (p.14) e ainda da interculturalidade, termos da diversidade cultural usadas nas escolas. A interculturalidade “significa a interação entre as diferentes culturas” (p.14). A Abordagem Triangular sistematizada por Anna Mae, que designa os componentes do ensino-aprendizagem em criação, leitura de obra e contextualização, traz uma proposta de integração dessas culturas, conseqüentemente da interdisciplinaridade e o fortalecimento das atividades artísticas, história das artes e análise dos trabalhos artísticos. Ela denomina essa abordagem de Proposta Triangular. Inicialmente era chamada de Metodologia Triangular, porque, segundo a autora, “depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula” (p.33). Sendo assim, podemos concluir que o professor de arte deve usar de metodologias que lhe sejam mais propícias a melhor levar o conhecimento da arte a seu alunado.

### **3.1 Criando um material didático-pedagógico**

Acreditamos que um material didático-pedagógico, que não o livro didático adotado pela escola, deve seguir alguns critérios de acordo com a série, idade, perfil do alunado, temas a serem estudados, problemas a serem resolvidos, as vantagens as quais o(a) professor(a) quer levar para sua(s) turma(s), quais as áreas do currículo escolar quer abranger, qual ou quais disciplinas irão trabalhar colaborativamente, entre outras questões importantes para o bom desenvolvimento da disciplina. As ideias e projetos antes apresentados nesta pesquisa, além de outras que futuramente surgirão, podem e devem ser usadas, visto que, segundo seus criadores, deram bons resultados e beneficiaram seus alunos e professores em diversos campos do ensino.

Décadas se passaram em que o professorado só tinha o quadro negro, o giz e os livros didáticos como ferramentas pedagógicas para a construção de competências, e tinha por obrigação no final do ano letivo ter vencido o livro didático.



Não queremos aqui tirar a importância dos livros didáticos adotados pelas escolas ou pelo governo vigente em cada período, com conteúdos pré-determinados e o apoio mais utilizado pelos professores em sala de aula. Porém, ao buscar uma maneira mais prática de levar o conhecimento e estimular os alunos, os professores devem repensar outras formas de levar o conteúdo didático aos seus alunos. O ensino bancário perdurou por várias décadas, onde o professor era detentor do conhecimento, cuja função era a de transmitir e o aluno, o receptor desses conteúdos programáticos que eram pré-definidos. Hoje vemos que o professor deixou de ser a figura central e mais importante da sala de aula e o aluno passou de espectador a colaborador do processo de ensino aprendizagem. Por isso, devemos pensar no ensino horizontal, onde o professor seja um mediador e divida com o aluno a busca pelo conhecimento. Sobre isso Paulo Freire discorre em *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (1996, p.13).

Pimentel (2009) relata que no século XX, um movimento de reivindicação nacional consegue oficialmente para a arte o status de área de conhecimento escolar com a LDB 9394/96, passando a partir de então a fazer parte do grupo de disciplinas do Núcleo Comum. Dessa maneira, pesquisas em arte e sobre arte tomam um novo rumo e cresce o estudo sobre metodologias para seu ensino (p.29). Atualmente, com planejamento escolar mais flexível, é possível uma mudança dentro da metodologia usada em sala, quando houver necessidade, reconsiderando a forma de melhor passar o conteúdo.

O professor é a pessoa mais indicada para chegar à conclusão do melhor material didático e a metodologia correta, adequado ao perfil, ao contexto dos alunos e do lugar. Loyola afirma que o professor deve ser uma pessoa envolvida com a arte, pois assim ele terá mais oportunidades de pensar e propor experiências estimuladoras das habilidades de criação e de senso crítico nos alunos. Estando inserido na arte o professor terá condições de apresentar os alunos no contexto da

história da arte, das correntes estéticas, e também das ideias e trabalhos de artistas, temas, procedimentos que os estimulem a criarem seus próprios trabalhos.

A criação de um material didático implica mais que simplesmente um livro com imagens sobre a proposta de uma aula ou projeto, é necessário comprometimento com a pesquisa de tudo que envolve o assunto, expressão artística, reflexão estética. Segundo o autor, estética “lida com critérios de percepção e julgamento dos valores sensíveis contidos num objeto de arte” (p.15). Vai além das questões formais e materiais, observa a ideia de criação e o conceito do que seja uma obra de arte, sua temporalidade, e as propostas conceituais nela contidas.

Material didático em arte vai muito além dos livros, objetos e equipamentos para auxiliar no ensino-aprendizagem, envolve a importância de propor um “conjunto de possibilidades de pensamentos que levem à reflexão do que seja ensinar-aprender Arte e à produção significativa de outros materiais-ações-ideias adequados ao contexto de cada escola-ambiente” (Ibidem, p.16). Portanto, o material didático, além de instrumentos e ideias, são proposições e ações estimuladoras da criação e construção do conhecimento de arte no aluno.

Portanto, além de instrumentos ou objetos, são ideias, proposições e ações que objetivam estimular no aluno a criação e a construção de conhecimentos em Arte. O material, por si só, não conduz a experiências significativas, já que é essencial a sua associação com as questões estéticas e com os referenciais artísticos pensados para cada proposta, bem como o envolvimento e a subjetividade dos alunos. Além disso, é importante estar atento para a imprevisibilidade da obra e do processo de criação artística. (Ibidem, p.16).

Outra questão importante trazida pelo autor é a Abordagem Triangular, sistematizada por Anna Mae Barbosa, que, segundo ele, fundamenta a ação de elaboração de materiais didático-pedagógicos para o ensino e aprendizagem, pois a abordagem experimental envolve estratégias onde o aluno aprende com a experiência e fortalece o professor como mediador.

No final do século XX e no início do XXI, as tecnologias contemporâneas invadem o ambiente escolar através dos telefones celulares, televisores e redes sociais, fazendo parte do cotidiano dos alunos. Dessa maneira, é interessante e necessário o uso dessas tecnologias, visto que muitas vezes os alunos entendem melhor delas do que o próprio professor, podendo ser uma forma de abordagem que trará maior interesse do aluno para a disciplina.

Pensando nas dificuldades que os professores encontram principalmente aqueles de escolas públicas, devido à escassez de recursos, no momento de desenvolver seus projetos, vê-se o reaproveitamento, reutilização e reciclagem de materiais, como um grande auxílio nesse sentido. Caixas de papelão, potes descartáveis, garrafas pet, palitos, tampinhas de garrafa entre outros materiais podem ser utilizados não só pelos professores de arte, mas também pelas outras disciplinas. Isso beneficiaria também a redução do lixo, tema que é sempre proposto nas escolas, em todas as séries. Projetos multidisciplinares, por exemplo, serão favorecidos com o uso desses materiais.

Cindy Triana Guzman lembra que “um objeto encontrado no lixo, mesmo sem ter função artística, pode gerar dinâmicas de ressignificação” (2015, p.14). Citado anteriormente, Loyola reforça nosso pensamento que o material didático tem que ser pensado de acordo com o perfil da turma, o ambiente escolar, respeitando o contexto cultural ao qual o aluno está inserido, pois,

Nem sempre um material didático-pedagógico pensado para um grupo de uma determinada região, comunidade ou escola causará interesse em outro grupo, em função da diversidade de culturas e dos costumes. (LOYOLA, op. cit., p.13/14).

Diante dos relatos e exemplos de diversos autores aqui citados sobre como deve ser o material didático pedagógico para o aprendizado em artes, colocamos o livro de artista como um possível instrumento, ideia, proposta que estimularia os alunos e os levaria a pensar artisticamente. O livro de artista, conforme já foi apresentado, é uma ferramenta intermediária, apropriada aos conteúdos, aos diferentes níveis de aprendizado e traz todos os componentes que um material didático pode necessitar dentro do ensino da arte contemporânea. Com ele o professor pode propor um trabalho voltado para os problemas que atingem os alunos dentro da faixa etária de cada série, seja de um modo geral ou particularmente, levando em consideração a singularidade de cada um. O professor pode trabalhar aliado a outra disciplina, dentro do programa apresentado pela escola, proporcionando as diversas aprendizagens sem deixar de lado o pensamento artístico. Ele poderá, portanto, explorar inúmeros recursos visuais com grandes possibilidades para experimentação.

Quando trabalhado interdisciplinarmente com conteúdos ligados à área de língua portuguesa ou estrangeira e redação, por exemplo, o livro de artista poderá

influenciar no gosto pela leitura, nas dificuldades de leitura e escrita, no pensamento crítico, no interesse pela poesia e pela notícia, trazendo a realidade para a sala de aula e criando, assim, uma relação entre o conteúdo estudado e a realidade cotidiana. Ainda com as demais disciplinas, melhora o raciocínio lógico e o processamento das informações e dos conceitos científicos. Com essa ferramenta, a cultura local será estudada mais de perto, facilitando a interação e o entendimento das diferentes culturas.

É fato que atualmente os adolescentes têm um fascínio pelas tecnologias de informação e comunicação, portanto, de uma forma inovadora, as tecnologias digitais, destacam-se como meios dominantes entre os alunos em qualquer faixa etária, nos diferentes níveis de aprendizado e é uma experiência que pode ser usada como recurso para aproximar estudantes que tenham menor interesse pelas expressões artísticas. Pesquisar, selecionar, elaborar, reelaborar, construir, desconstruir, modificar, recortar, compor, inventar usando as tecnologias digitais e até mesmo programas que promovam experiências mais elaboradas envolvendo os alunos em suas autorias, são processos criadores que levarão prazer às aulas de arte e o uso dessas tecnologias, proporcionarão novas formas de desenvolver a categoria livro de artista como material didático. Como exemplo das mídias digitais possíveis no uso do desenvolvimento dos livros de artista, podemos citar computadores, scanners, câmeras digital e de celulares, impressoras que, unidas às tecnologias mais usuais como lápis, tesoura, cola, canetas, entre outras, proporcionam diferentes maneiras para expressar ideias, melhores dinâmicas de composição e facilitam a elaboração de uma poética pessoal. A colagem, a fotografia, a edição de imagens são formas de utilizar esses recursos na elaboração do livro de artista.

Qualquer que seja a forma usada para se trabalhar o livro de artista como material didático pedagógico, usando uma metodologia pensada para a arte, é possível ser estudada e pesquisada a história, a teoria, a crítica e a filosofia da arte. A abordagem triangular, sistematizada por Anna Mae Barbosa, desenvolve-se de acordo com os três eixos norteadores do ensino das artes que são flexíveis podendo ser trabalhados sem escala de valor e que envolvem o fazer (experimentação), a leitura de imagens (codificação) e a contextualização (informação). O livro de artista trabalha esses eixos quando ocorre a leitura de imagem, onde o aluno tem a oportunidade de observar, buscar, questionar. Depois vem a contextualização que

por vezes pode se confundir com o fazer, a experimentação, onde ele vai aplicar o conhecimento, refletir sobre todo o processo e analisar o resultado final.

Um projeto de livro de artista desenvolvido em sala de aula pode e deve ir além dos portões da escola. Além disso, essa ferramenta pretende tornar o ensino mais dinâmico e as aulas mais interessantes e interativas.

Quando se fala sobre o livro de artista como material didático pedagógico, imagina-se um livro com páginas já pensadas e escritas sobre algum tema, porém esse material não é propriamente assim. O livro de artista não é um material didático como os outros que já vêm prontos, com informações, temas, imagens, formato, com um manual, um passo a passo para sua elaboração. Ele deve ser elaborado a partir de ideias ou um tema estudado em sala. O professor pode pensar no livro a partir do formato já conhecido, com páginas dispostas em sequência, leitura da esquerda para a direita, encadernado, porém dando liberdade ao aluno para que ele possa desenvolvê-lo em outros formatos ou até mesmo como escultura ou instalação, ou seja, como livro-objeto. O material a ser usado também é outro assunto que deve ser pensado dentro desse contexto, pois dependerá daquilo que melhor se encaixe na ideia que pretende transmitir. O planejamento é flexível e deve ser usado em benefício do aluno. A ideia de um caderno diário, onde o aluno possa fazer anotações pessoais ou das aulas, textuais e/ou plásticas dentro daquilo que o interessar exercendo sua criatividade, é algo que o professor deve incentivar, já que esse procedimento auxiliará o aluno não só na produção do livro de artista, mas também em outros processos de desenvolvimento de uma linguagem artística, favorecendo-o em seu desempenho dentro e fora da escola. Essas questões conceituais e formais da arte, trabalhadas a partir do livro de artista, abrangem também o estudo de cores e composição traçando paralelos com artistas e movimentos da história da arte.

A partir da escolha de formato, suporte e tema, o professor certificará se o aluno entendeu a proposta e como ele irá desenvolver o seu livro, de acordo com o que melhor se identificar. A escolha dos materiais, cores, suportes, imagens, textos, produção plástica, fotomontagens, apontamentos, recorte de jornais e imagens de revistas, opiniões, pensamentos, poemas, frases aleatórias, bilhetes, papéis de bala, folhas e flores secas, objetos que lhe sejam de estima e que comunguem com o tema ou ideia escolhidos são parte desse material didático. A reflexão sobre sua criação e a elaboração do livro, como surgiu a ideia, como foi o processo de

desenvolvimento, os problemas ocorridos, quais mudanças aconteceram, como foi o resultado final são outros instrumentos importantes de um material didático pedagógico.

## **CONCLUSÃO**

Esta monografia teve como objetivo inicial trazer a ideia do livro de artista como material didático pedagógico no ensino das artes visuais, em todos os níveis escolares, por meio de pesquisas bibliográficas, a partir de experiências trabalhadas em sala de aula por professores e pesquisadores em diversas instituições de ensino dentro e fora do Brasil.

Como pesquisa de caráter exploratória e investigativa, buscou refletir sobre uma forma dos professores de artes, usarem outro recurso que não apenas o livro didático, o quadro-negro/branco e o giz/caneta para transmitirem o estudo sobre história, teoria, crítica e filosofia da arte. Diferente de outras áreas do conhecimento, os processos de criação e de ensino-aprendizagem em Arte requerem outros recursos que não apenas o livro didático.

Foram relacionadas diversas formas como o livro de artista pode e/ou deve ser trabalhado em sala de aula como material didático, usando uma metodologia pensada para a arte.

Esta investigação traz um leque de possibilidades para que os professores de artes e de outras áreas reflitam sobre o uso do livro de artista como material didático pedagógico e como prática para impulsionar a formação do aluno, favorecendo o desempenho do estudante e fazendo-o refletir sobre seus problemas pessoais, familiares e intelectuais, dentro e fora da escola, incentivando-o a pesquisa, a prática, a criação e a construção de conhecimentos em arte, diversificando as formas de transmissão do conhecimento em todas as áreas do ensino com multidisciplinaridade.

Apresentou-se, dentro do trabalho, a colaboração do livro de artista junto às outras disciplinas, patrocinando a interdisciplinaridade, favorecendo o aluno de diversas formas, incentivando o gosto pela investigação, pesquisa e leitura, melhorando a alfabetização, colaborando para que o aluno tenha mais expressividade, melhor estruturação de ideias e uma comunicação mais efetiva.

Com essa ferramenta, notou-se como os alunos melhoraram a convivência dentro e além do circuito escolar, com a auto-gestão dos problemas e a cooperação com os demais.

Dessa forma, os professores, tanto de artes como das outras áreas do currículo, também foram beneficiados com esse instrumento pedagógico, visto que eles também devem se preparar para orientar seu alunado junto às pesquisas,

visitas a outros locais do conhecimento fora da escola, acesso às mídias eletrônico-digitais e uso de materiais que proporcionem um bom trabalho artístico e com consciência ambiental.

A interdisciplinaridade favorece a interação entre as disciplinas, os alunos e os professores. Dessa forma, sendo o livro de artista trabalhado como um material pedagógico, interdisciplinarmente com as demais disciplinas do currículo trará para o cenário escolar diferentes olhares sobre os mesmos temas e estudos. As escolas podem, a partir do desenvolvimento do livro de artista, trazer para os programas de ensino uma compreensão dos conteúdos de forma mais simplificada.

Como recurso metodológico, o professor deve ser, antes de tudo, um pesquisador constante e se manter informado daquilo que possa contribuir para o desenvolvimento e o melhor aprendizado do seu alunado, não deixando de lado a proposta de ensino dos conteúdos aplicados em sala, tais como cores, formas, texturas, linhas, história da arte e autores do cenário artístico em geral.

A partir desse resultado, deixa-se o campo aberto para que esse estudo sirva de base para outros projetos futuros que podem vir a ser utilizados como recurso metodológico no cenário educacional.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Leonor Costa. O Livro de Artista enquanto ferramenta pedagógica. Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316, Lisboa, v. 3, n. 6, p. 143-148, dez. 2012a.

Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1647-61582012000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582012000200021&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 01 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. O Livro de Artista: Um Meio de Exploração Criativa. 2012 Lisboa.  
Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7389/1/ulsd063420\\_tm\\_tese.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7389/1/ulsd063420_tm_tese.pdf)  
Acessado em 02 jun. 2019.

Barbosa, Ana Mae, 1936- *Tópicos Utópicos* - Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200p.: 33il. p&b - (Arte & Ensino) Disponível em [http://www.repep.ufflch.usp.br/sites/repep.ufflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA\\_A\\_A.pdf](http://www.repep.ufflch.usp.br/sites/repep.ufflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA_A_A.pdf) Acesso em 09/01/2020

BRITTO, Ludmila da Silva Ribeiro de. *A poética multimídia de Paulo Bruscky*. 2009 Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9824/1/Ludmila%201.pdf> Acesso em 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Livro de artista: a arte ao alcance das mãos. – 2009a. P.133/150  
Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9824/8/Ludmila%208.pdf> Acesso em 12 jun. 2018.

CADÔR, Amir Brito, 1976- Enciclopédismo em Livros de artista [manuscrito] : um manual de construção da Enciclopédia Visual / Amir Brito Cadôr. – 2012. 293 f. : il. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-93RG8E> Acesso em 02 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Os limites do livro. Extraído de Livro de artista: da modernidade à contemporaneidade. Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro, Museu Imperial, Petrópolis, RJ. outubro-2010. Disponível em [http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha\\_2010\\_brito\\_amir\\_art.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha_2010_brito_amir_art.pdf) Acesso em 09 abr. 2019.

FABRIS, Annateresa. O Livro de Artista: da ilustração ao objeto. 2009 suplemento do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO - 19/03/88. págs. 6 e 7. Disponível em <https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/> Acesso em 22 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) 25ª Edição PAZ E TERRA Disponível em <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf> Acesso em 22/01/2020

GUZMAN, Cindy Triana. Aprendendo através de imagens: o livro-objeto. 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.27.2015.tde-01122015-101037. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-01122015-101037/pt-br.php> Acesso em: 22-11-2019.

[LIVRO]. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/livro/> Acesso em: 01 abr.2019.

LOYOLA, Geraldo, 1959- Professor-artista-professor [manuscrito]: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte, 2016, Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, MG.

Disponível em [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/EBAC-A9GJ98/1/professor\\_artista\\_professor\\_materiais\\_did\\_tico\\_pedag\\_gicos\\_e\\_ensino\\_aprendizagem\\_em\\_arte.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/EBAC-A9GJ98/1/professor_artista_professor_materiais_did_tico_pedag_gicos_e_ensino_aprendizagem_em_arte.pdf) acesso em 28/12/19

PAIVA, Ana Paula Mathias de. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte: Editora Autentica; São Paulo, SP: Edusp, 2010. 141p.

\_\_\_\_\_. *O livro de artista e o espaço da arte*. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTIFICA EM ARTES, 2005, Curitiba. *Anais III Fórum de pesquisa científica em arte*. Curitiba: EMBAP, 2005. Disponível em [www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette\\_panek.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette_panek.pdf). Acesso em 09 jun.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007

PLAZA, Julio. *O livro como forma de arte (I)*. Arte em São Paulo, São Paulo, n.6,abr. Disponível em <http://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/05/julio-plaza-o-livro-como-forma-de-arte/>. Acesso em 09 jun. 2012.

SILVA, Mayara Suellen de Araújo. *Livro e imagem: Uma Abordagem do livro como objeto de Arte no Ensino Fundamental*, Natal, RN, 2015

Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1676/1/Mayara.pdf> Acesso em 19/12/2019

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 320p.

SUZUKI, Clarissa Lopes. *Cadernos de Artista: paginas que revelam olhares da arte da educação*. São Paulo:C.L.Suzuki, 2014. 254p. :il + composto de 4 cadernos

Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/pt-br.php> Acesso em 19/12/2019

ZANINI, Walter. Contribuição ao nível do objeto e da arte desmaterializada. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *História da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. V.2, p.739-801.